

EDUCAÇÃO: preparação para o século XXI

Paulo Freire - (PF) - Dentre as coisas que estão me chamando a atenção, atualmente, algumas eu considero muito estranhas. Manifestando minha estranheza, quero fundamentá-la, explicitando minhas posições a respeito. E proponho, nesta prosa-reflexão com vocês, que a gente, juntos, vá aguçando nossa compreensão sobre o tempo presente.

Eu começaria referindo-me a um certo tipo de concepções e de discursos que, genericamente, poderíamos denominar: pósmoderno, neoliberal. Do ponto de vista destes discursos... que são vários, e não são iguais...

Adriano S. Nogueira - (AN) - Pois então, Paulo, indo por aí... começamos a configurar este nosso diálogo reflexivo. Nós o denominamos **educação: leituras de mundo e preparação para o século XXI**. Conversando/refletindo, buscaremos explicitar posturas em torno a circunstâncias e características importantes para o trabalho em educação. Tu disseste: *há certas concepções, por aí*. Segundo estas, os Seres Humanos **como Seres de História** estariam submersos não mais em pactos sociais (as sociedades) horizontais —como diria Rousseau— nem pactos sociais verticais —como diria Hobbes. Pretende-se reformular a idéia (e a prática) de Estado e resumir a idéia de sociedade submetendo a experiência humana ao mercado. E este sim, seria universal, tão universal quanto o próprio Homem. A lei da oferta e procura viria agora, no final do século XX, substituir uma concepção historiográfica e, assim, viria explicar e regulamentar o relacionamento e o crescimento dos povos...

(PF) - A continuidade da História para mim é uma das explicações fundamentais para compreender/explicar o agir Humano. Esta continuidade é um termo de responsabilidade dos Humanos para consigo mesmos. Através da continuidade, que não é a mera repetição, o Homem explica a si mesmo como Ser Histórico, Ser que caminha historicizando-se.

Pois há alguns discursos (e concepções) que sugerem:- *isto aí não é mais História*. E, assim dizendo, eles pretendem desaparecer com a concepção do agir Histórico.

(AN) - Seria uma forma de irresponsabilizar o Ser Humano diante de sua continuidade... tornando seu agir mais adaptável, mais plástico e menos senhor de si.

(PF) - Simplesmente afirmam que é um estado de coisas que desvincula "o hoje". Uma metamorfose da História. Sim, e aí vira uma brincadeira. É como se, de repente, essa nossa quarta feira num tivesse nada que ver com a terça feira ontem e, também, nada que ver com as terças feiras que a precederam. Segundo minha maneira de ver, há questões fundamentais que ficam mal tratadas. Minha proposta é que conversemos sobre isso, explicitando mais e fundamentando posturas.

Em seguida, meus amigos, eu penso o seguinte: este momento neo-liberal que estamos vivendo é uma fase do processo capitalista maior. É um momento decisivo, este. Não penso que ele tenha vindo pra dizer algo assim: *olha, minha gente... vejamos se podemos humanizar o capitalismo*, como já houve, antes, na História do processo capitalista de gerar/gerenciar a produção de riqueza. Nada disso. Este momento neoliberal tem um apetite enorme para excluir e terminar com grandes majorias de Seres Humanos. Creio que devemos perguntar-nos:- "e por que?".

(AN) - neste aspecto, Paulo, ele (capitalismo) é coerente. Primeiro se supõe que não somos nós, Humanos, os responsáveis pela continuidade de tudo isso que tá aí. O responsável é o livre-mercado do próprio capital. Depois afirma que há uma lei supra história que regula tudo. ORA...os mais aptos (ou os

mais “lobos”) para se adaptar à tal lei é que merecerão sobreviver.

(PF) - Nas experiências históricas em que o neoliberalismo se instalou como discurso hegemônico houve uma super degradação Humana. A fome e a miséria —aumentando— foram explicadas de forma sutil, tal como: *desalinhamento em relação aos centros...* ou então: *descapitalização do mercado local... exigindo do vício, embora vínculo dependente. OUTRA SUTILEZA: devemos modernizar-nos, adaptando-nos à Lei destes tempos.*

Recentemente estive participando em um Congresso, na Europa. O tema era: *perspectivas pós-modernas e educação.* Em uma das mesas em que eu estive havia um grande teórico da pósmodernidade. Um sociólogo, de origem espanhola, que lecionava em Berkeley (USA). Um sujeito simpático, conversamos bastante. Pois numa das mesas ele fez afirmações que me levaram a comentar e discordar. Disse algo assim: *esta é uma época em que muito necessitamos da filosofia de Paulo Freire. Este tempo precisa da pedagogia freireana. E por que?. Porque as revoluções tecnológicas estão a exigir cada vez mais. Exigem que a mente seja clara, seja ativa, que seja capaz de reações críticas e repentinas ante desafios novos. E ele concluía, repetindo, que a pedagogia de Freire era urgente para formar pessoas para este quadro geral.*

E eu, retomando-o, dizia discordar dele. Explicava porque, dizendo: *Na medida em que me considero um cara progressista, na medida em que pretendo continuar sendo um pensador de esquerda...* ABRO UM BREVE PARÊNTESES, MEUS AMIGOS, para um breve “cá prá nós”:- este é um trecho da História em que podemos encontrar muito fulano ou fulana tímidos e acanhados de se sentir e se definir como de esquerda. Até porque... há quem diga que isto também não existe mais. Muita gente se envergonhou de ter tentado ser progressista, de esquerda. Muita gente foi ficando mansa demais.

Prosseguindo... eu dizia àquele intelectual: *eu penso que há um aspecto em que nós dois estamos de acordo. E este acordo seria o seguinte: no momento histórico atual - e é histórico mesmo — as transformações rápidas que a tecnologia coloca estão exigindo das novas gerações uma capacidade de responder e de interagir com presteza.* Em seguida, eu lhe dizia onde havia desacordo entre ele e eu: *nossa discordância é na forma como se deve criar uma prática pedagógica para fazer frente a este tempo.*

Dermeval Saviani - (DS) - Ou seja, Paulo, houve acordo quanto ao diagnóstico mas não quanto à solução e encaminhamentos.

(PF) - Exato, Dermeval. E aí eu me alongava, alguns minutos mais. Usando uma expressão metafórica, eu me referia à concepção neoliberal em educação: *há uma certa simpleza, nisto que tu propões. Porque simplesmente se atem a uma leitura do texto. Mas não atende a uma leitura crítica do contexto.* Paulo Freire pode ser considerado válido... mas não simplesmente como um facilitador de adaptações...

Claro que a gente deve trocar idéias com todo tipo de gente. Mesmo quando não houver acordo. Com quem é diferente eu dialogo. Com quem é antagônico eu faço pactos estratégicos. Penso que este é um dos aprendizados que é necessário à pós-modernidade: seremos mais e mais dialógicos, seremos mais capazes de pactos. A modernidade foi muito feita de menos polêmicas e mais certezas: científicas, ideológicas e, talvez por isso, não priorizou o diálogo. Penso que a pós-modernidade exige mais dialogicidade. Até porque... ela não tem argumentos, ela não tem como estar muito convencida de ser a melhor proposta. Nem que seja... raciocinando só numericamente, não há como esconder que 75 por cento dos brasileiros têm sido mais e mais excluídos. E, enquanto alguns propõem a própria concepção como caminho de “mão única” para estes 75 está-se descobrindo que a exclusão é caminho “sem volta”.

Em contrapartida, nossa persistência vai ganhando em utopias plausíveis. Poderemos, sim, agir com rumo progressista, de esquerda. Como?. Nossa atuação vai ganhando mais agudeza nas denúncias. Denunciar àquela perversidade que é intrínseca à estrutura deste sistema é, ou pode ser, anunciar caminhos que a modernidade sugeriu e não cumpriu.

(DS) - me parece, Paulo, que uma espécie de **primeiro tema que vai permeando nossa reflexão** aqui seria *o pensamento e a postura progressista, de esquerda*. E as decorrências disso na educação. Houve, por estes dias, um outro daqueles encontros entre intelectuais e militantes da esquerda na América Latina...

(PF) - Segundo a imprensa que eu li, me pareceu que a maior conclusão daquilo ali foi uma espécie de aposta. A esquerda teria apostado num próximo desastre da globalização da economia. Claro que isso é pouco, há certas urgências que não me permitem simplesmente ficar esperando pelo insucesso dos neoliberais...

(AN) - bem, Paulo, segundo a cobertura feita pela nossa imprensa, a "grande conclusão" daquele encontro poderia ser por aí. No entanto...

(PF) - é fato, Adriano. Lidar com nosso "mass-media" é outro aprendizado que temos pela frente. Lhes conto um breve episódio, recente. É algo sobre que gostaria de ouvi-los. E é outra das responsabilidades nossas face a este momento. Um dia destes, numa reflexão numa cidade do interior de S.P., perguntavam minhas opiniões sobre GREVE. E eu comentava com um amigo, em uma conversa pública: *em primeiro lugar, eu penso que as coisas não se fazem gratuitamente. Se os (as) professores (as) deste país não agirem, eles e elas nunca sairão desta remuneração vergonhosa. Em segundo lugar, eu dizia a este amigo, hoje em dia é preciso interrogarmo-nos pela qualidade da ação. Ou seja, professores e professoras devem se interrogar se GREVE é a mais eficaz das formas de agir. Esta reflexão sobre a qualidade da ação, eu dizia, é necessária a cada categoria profissional. A priori, eu não posso estar certo de que GREVE é o caminho de ação melhor qualificado para a expressão coletiva da categoria professor.*

Penso, eu concluía, *que é preciso refletir bem sobre isto. Esta categoria tem uma certa forma de relação com a produção de riquezas e é refletindo sobre esta posição que se decidirá por GREVE ou NÃOGREVE. A ausência de reflexão pode gerar situações de profunda incompatibilidade com a sociedade, situações de mútua incompreensão. E aí, eu finalizava, a sociedade termina por simplesmente condenar à GREVE.*

Pois vejam, meus amigos, no dia seguinte a imprensa local botava um enorme retrato meu e, como manchete, dizia: *Paulo Freire é contra as GREVES*. Puxa vida... é demais. Claro que, numa perversidade que é característica da imprensa, o desenvolvimento da matéria era razoável, o corpo da matéria respeitava razoavelmente àquilo que eu havia dito. Quem lesse à matéria inteira teria condições de chegar a uma conclusão mais próxima ao que eu havia dito. Mas... quem lesse apenas as manchetes teria captado algo que eu, com certeza, não disse. Há uma certa perversidade nesse tipo de procedimento: - é como se a imprensa outorgasse pra si mesma o direito de produzir a realidade. Claro...o pretexto (que ela usa) é ótimo. Ela (imprensa) afirma que está revelando ao leitor algumas "realidades escondidas"; e afirma que é seu dever procurar o que está "escondido". Isso é perverso. Mas.... paradoxalmente, talvez, eu lhes digo, meus amigos: embora ruim com esta imprensa que está aí, pior seria sem ela. Tratemos, nós, de refletir sobre este fenômeno tão presente: *se eles (imprensa) não transparecem que a versão deles é uma interpretação mesmo quando afirmam comunicar "a verdade dos fatos" então cabe à nossa interação profissional explicitar outras versões.*

A isto eu me refiro como "certas urgências". Trata-se de agir e, simultaneamente, refletir coletivamente sobre a qualidade da ação. A maneira como se luta vai mudando no tempo. Eu me lembrei lá e citei uma reflexão de Engels. Não estou certo sobre qual livro dele, a frase mais ou menos assim: *no momento em que a burguesia amplia muito o seu poder de fogo, é hora de nós abandonarmos às barricadas de rua e partirmos pra luta através do voto*. Penso que isso é inteligente, naquele sentido que eu dizia de reflexão sobre a forma de agir.

(DS) - Trata-se da Introdução a uma nova edição do texto de Marx... "As Lutas de Classe na França (1848-50)". Na luta entre classes na França (na época de 1848-50) a principal luta era na rua, onde se erguiam barricadas. Na reurbanização da cidade de Paris, os projetos burgueses construíram grandes avenidas onde, antes, havia ruazinhas medievais sinuosas. Nas novas e amplas avenidas a luta seria sempre vencida por quem tivesse mais canhões (a burguesia, cujo poder de fogo bélico era crescente). E ele (Engels) chamava a atenção para a via parlamentar, mostrando como os partidos operários na Alemanha haviam ocupado posições estratégicas, crescendo no parlamento.

(AN) ... me permite, Professor, um aparte?. Essa sua colocação me fez lembrar de detalhes que aprendi com os arquitetos... A Paris cujo centro podemos visitar hoje, foi remodelada pelo prefeito (e barão) Haussmann; pois bem, esse senhor construiu (remodelou) um novo centro de Paris em tempo recorde, por volta de 1853. Veio a ser um centro para os novos-ricos, um centro compatível com aquele momento da industrialização. Para lograr isso, era necessário expulsar do centro toda concepção de moradia pobre. Temia-se a plebe, que se alojava naquelas ruazinhas estreitas, aquelas construções medievais... Era urgente alojá-la (expulsá-la) para os subúrbios, em bairros distantes (do centro). Havia um pretexto razoável:- os bairros industriais iriam alojar os pobres ao redor das indústrias. Nasceu, por esses caminhos, a Paris que vemos hoje. Também do ponto de vista da arquitetura havia "luta de classes nas ruas". Havia certo tipo de folhetim, muito lido pela "plebe", com textos de um certo K. Marx...

(DS) - Lembro-me de haver trabalhado este texto (de Engels) em algumas situações. Anos depois de Engels, o Gramsci retoma esta discussão, ao analisar a ampliação do papel (e do conceito) de Estado. Trata-se desta inteligência, como Paulo diz, de refletir sobre a qualidade da atuação política.

E há mais: no mesmo texto, Engels fala da expectativa de que a Revolução (de 1848, na França) viesse a transformar-se numa Revolução proletária. Ele comenta:- "*A História nos desmentiu. Ela demonstrou que o estado de desenvolvimento econômico no continente estava, ainda, muito longe do amadurecimento necessário para a superação da produção capitalista*". Chegou-se a pensar, no final do século XIX, que a crise do capitalismo era uma crise global a ponto de viabilizar mudanças significativas. Foi um engano. A História desmentiu isso. O capitalismo se refez a ponto de propor rumos capitalistas para aquela forma de crise.

(AN) - Agora, Paulo e Dermeval, **um segundo ponto, ou segundo aspecto que surge nesta reflexão e complementa àquele anterior seria a presença necessária da utopia.** Ela seria o que faz fermentar a reflexão e crítica sobre a qualidade da ação. Utopia como foi referida há pouco...

(DS) - Me ocorre o seguinte: comentava com Adriano, durante nossa viagem, sobre a posição e o pensamento de esquerda. Houve, antes, um peso forte do marxismo. Penso que esta presença ainda existe, porém o marxismo deixou de ser hegemônico. E, deixando de ser hegemônico, deixa de estar "na moda". Portanto, o peso importante que o marxismo ainda tem se deve, atualmente, à capacidade nossa de leitura, de diagnóstico e encaminhamentos para agir.

Recentemente, num prefácio a uma re-edição de um livro, discuti questões neste campo. Discuti com um certo cuidado, pois não tenho por hábito adentrar em polêmicas usuais à esquerda. Já encontrei textos em que o autor citava Marx para comprovar que eu estava sendo liberal. E fui adquirindo o hábito de não polemizar neste plano.

(PF) - Concordo contigo, Dermeval. Até porque, ao polemizar neste plano, a gente acaba compartilhando e reforçando um certo nível de debate

(DS) - Sim, e este tipo de polêmica entre autores, cada um tentando apenas impor-se como ponto de vista hegemônico dentro de um terreno que poderia ser comum... é uma polêmica que chateia, creio que não leva a nada.

(PF) - Exato. Vejam vocês, a esquerda tem, facilmente, se esfacelado na história do pensamento e da interpretação da realidade. Mas a direita não. Ela, direita, só se sectariza diante do discurso e da prática da esquerda. A trajetória da esquerda tem sido diferente, ela é capaz de sectarizar-se diante dela mesma. Em alguns momentos, eu me lembro, durante a gestão de Luíza Erundina, em São Paulo, nós fomos maltratados por feios adjetivos oriundos da mesma coligação de partidos que propôs e elegeu aquela gestão. Puxa vida, além da falta de uma certa lealdade, não acredito que fôssemos tão feios assim...

(DS) - Neste prefácio, que considere necessário fazer, eu mencionava a publicação, recentemente, de um livro com título igual àquele meu. Fiz uma observação, no prefácio, sobre a coincidência dos títulos. A autora, publicando sua tese de mestrado, intitulou-a "*pedagogia histórico crítica*". E ela colocou um subtítulo: "*o otimismo dialético na educação*". Comprei o livro. Me pareceu que a autora teria se comunicado melhor invertendo: colocando o subtítulo como título do livro. E me alonguei mais, neste considerando. Tentei comentar algumas observações e críticas que tenho observado. Me pareceu importante sublinhar algumas questões. Por exemplo: há quem estuda teoria ou faz teoria como se teorias fossem moda... uma teoria está na moda... outra teoria passou de moda... Já houve época em que o marxismo esteve na moda; hoje há teorizações que estão mais na moda. Esta não é uma forma de amadurecer intelectualmente: buscar filiar-se aos modismos é um empecilho para o bom uso do procedimento teórico como instrumento de diagnóstico e comprometimento. No caso do marxismo, tendo sido colocado fora do realce do modismo, penso que será devidamente estudado, será questionado nas suas contribuições e, enfim, veremos em que grau ele entrou no âmbito de um pensamento clássico (aquele cuja contribuição ultrapassa o tempo em que surgiu).

Nós mencionamos aqui a utopia. Uma questão que me ocorre vai por aí. Como proceder na atual conjuntura, como fazer?. como teorizar?, Quais contradições estão na origem da teorização?. Como refletirmos criticamente sobre o atual capitalismo?. Visando, penso eu, condições de vida social que superem os problemas atuais...

(PF) - isto que tu dizes me desafia, Dermeval. Veja que interessante. Me perguntaram, recentemente, num debate: *Paulo, tu te definirias como sendo marxista?*. E eu comentava: *eu lhes digo que, por respeito a Marx, eu não me defino marxista*. Um teórico que aceite algum a priori da História ou na História não é marxista; e eu dizia, ironizando, que este teórico corre o risco de, encontrando-se com Marx em algum pós-vida, ouvir dele, Marx: *meu amigo, você estava equivocado a respeito de minha contribuição teórica*.

Igualmente, se eu aceito Deus como a priori e não admito ouvir perguntas e questões sobre: *como é este deus?, como ele age?, ele é homem, é mulher ou é um fluido? ele mora aqui ou acolá?...* Se eu não souber explicitar isto historicamente eu não estarei sendo marxista. Mesmo sobre a natureza do Homem, ela não existe como a priori. Ou seja: eu sou Homem porque me fiz e ainda me faço Homem; inexistente algo no meu "ser Homem" que se constitui fora da História. Nós nos fazemos Homens e Mulheres através da experiência. Agora, reflitam comigo, meus amigos, penso que isto (de não aceitar aprioris) não significa que eu desvalorize a contribuição de Marx. Ele não é apenas moda. Justamente porque é a análise dele que me permite desmontar criticamente essa concepção neoliberal que está aí, na pósmodernidade. Algo disso eu tenho experimentado em minha trajetória: conheço intelectuais que me criticaram, nos anos 70, dizendo *Paulo Freire não cita Marx explicitamente e, portanto, não tem a visão marxista da luta de classes*. Hoje, década de 90, vejo alguns destes mesmos intelectuais comodamente adaptados ao pragmatismo realista dos

neoliberais e, a partir dali, me criticam dizendo *Paulo Freire é um retrógrado, ele ainda se vale de categorias marxistas superadas...*

Uma de minhas cobranças a nós, de esquerda, é um movimento de *retornar a Marx*. Estudá-lo, buscando adivinhar àquilo que Marx não pode ter visto. É uma certa petulância, eu sei. Pra adivinhar “o que e como” Marx veria, hoje, o que não pode ter visto é necessário assumí-lo. Em parte, ao menos. E sem divinizá-lo, claro.

O socialismo que se perdeu, nós sabemos, foi uma tentativa de socialismo dentro de uma moldura autoritária. Isso prejudicou bastante. Prejudicou o que?. Na memória política dos Homens do século XX, ficou má impressão sobre o socialismo. Por outro lado, a moldura democrática em que surgiu o capitalismo favoreceu-o, ele solidificou elementos a seu favor; na imaginação política deste século o capitalismo apresentou-se como *o mundo livre*. Livre do que?. Livre das más imagens socialistas. Não que ele, capitalismo, tenha fertilizado sua moldura de berço. O capitalismo apenas favorece a si mesmo. Ele só se modifica para fortalecer sua permanência. O que houve no Leste Europeu... e o que foi feito contra aquela forma de socialismo foi, segundo minha forma de pensar, um passo de liberdade. Dentro daquela moldura institucional autoritária havia uma espécie de gosto pela liberdade. Pois é sem perdermos isto de vista que nós iremos retornar e retomar Marx...

(AN)... me permite, Paulo um “gancho” neste teu pensamento. Penso que teu modo de refletir (o jeito como tu te moves) tem tua marca pessoal de ler o marxismo. Em que me baseio pra afirmar isso?. Me baseio na forma como tu co-relacionas *a forma e a reflexão*. Trata-se, segundo meu ver, de um co-relacionamento que era essencial para Hegel e Marx. Penso que a posição deles sobre *forma/reflexão* transborda de certas meditações tuas. Veja, Paulo, vou rapidamente enunciar isto tentando seguir as pegadas de Hegel e Marx... sob um “enfoque freireano”. Há, sem dúvida, um papel central *da mercadoria* no modo como vivem os modernos. *A mercadoria é a forma*. Forma de viver, forma de pensar. Claro... MERCAR tem sido uma das características essenciais do Homem, ele é a única espécie que merca. E isso tem se constituído de formas diferentes...ao longo da história...

No período pré-capitalista (o comércio feudal) ela —a mercadoria— estava pressuposta. Mas não estava posta. Ela tinha valor de uso. Depois, quando ela se pôs centralmente, como valor de troca, ela colocou, também, o seu oposto. Ou, se me permitem os Senhores dizer desta forma, ela pôs, também, o seu antídoto: *o trabalho*. Assim, numa espécie de jogo, dialético, a forma (a mercadoria) se põe e se repõe. Para repor-se a si mesma ela nega o seu antídoto (o trabalho). Como é que ela nega? O trabalho é transformado em mercadoria. Assim fazendo, ela (a mercadoria) repõe-se a si mesma como forma. Repõe-se, nega o seu oposto e faz, ASSIM, O MOVIMENTO DE POR, DESTRUIR, REPOR.

Através deste MOVIMENTO, a mercadoria cria uma identidade social; ou seja, ela cria o capital. Dizendo em outros termos: ela cria a forma capitalista de equivalência. Equivaler é uma forma de valor, é uma forma de valorizar pela lógica da própria troca. REFLEXÃO (a partir de Engels e Marx) seria este movimento: algo se põe e, para repor-se, este algo destrói o seu oposto-negado... Reflexão e forma, assim acasaladas, constituem à historicidade da vida social. Quando ouço Paulo Freire dizer:- **é importante refletir sobre a prática** eu associo à “forma e reflexão” de Hegel e Marx.

(DS) - veja, Paulo, e avançando neste “gancho”. Eu comentava com o Adriano, na viagem até aqui, alguns aspectos que gostaria de retomar. Fui militante de JUC, na década de 60. Me lembro, dentre outras coisas, de alguns colegas que refletiam e se posicionavam à direita. Uma das críticas que eu aprendi a fazer, naqueles anos, foi a seguinte: *nós não podemos agir, se concebermos que o Ser Humano é uma pura consciência, pura consciencialidade*. Até poderemos agir deste modo, mas a nossa ação é inócua. Veja como certas coisas se davam. Eu pretendia ser de esquerda. Alguns colegas se pretendiam de direita. Ambos nos pretendíamos cristãos. Ali nasceu esta minha crítica: *muitos de nós agíamos como se o Homem pudesse ser*

apenas consciência. Nós, de esquerda, refletíamos e, com sinceridade, expunhamos nosso engajamento. Eles, de direita, também refletiam e, com igual sinceridade, expunham. Em seguida, nós todos íamos para assembléias, para discussões. Ambos nos inscrevíamos, falávamos. Nossa boa fé era tanta que camuflava uma luta real, a luta de classes que caracterizava a realidade brasileira de então. Fui percebendo que havia pouca consistência na compreensão de Ser Humano. As teorizações eram adoçadas pela boa fé. A base da teoria (a contradição, era adoçada por uma postura interior que tudo igualava. Camuflando diferenças e supondo que tudo e todos seriam igualizáveis porque são filhos do mesmo Criador. Penso que esse "tudo é igual" empobrece o valor crítico da reflexão.

(AN) - Havia inúmeros apriori temperando à realidade empírica do compromisso... Nossa concepção cristã de Ser Humano era uma antropologia de aprioris.

(DS) - Hoje, Paulo, estou convencido daquilo que você mencionou: *nossa busca de comunicarmos através de utopias plausíveis é que vai reaproximar, com bastante concretude, o nosso engajamento e as contribuições de Marx.* Eu já vivi teoricamente um certo período em que correlacionei o marxismo e a fenomenologia. Como?. Eu, em certa época, pensei o método fenomenológico dialético como uma superação dos limites TANTO da fenomenologia QUANTO da dialética. Depois, reconsiderarei isso. Como?. Percebi que o que eu denominava "método fenomenológico-dialético" era o próprio método dialético. E mais. O que eu denominava "limites do método dialético" eram limitações impostas pela leitura mecanicista.

Atualmente estou entendendo que o socialismo científico faz, a partir do estudo marxista, uma superação daquela vontade contida no socialismo utópico. A contribuição de Marx vai no sentido de analisar o capitalismo: *observar as contradições internas do capitalismo é realçar os movimentos e as possibilidades de ultrapassá-lo.* Historicamente. Ele (Marx) não se propunha fazer análise do socialismo. Pensando, hoje, a questão da utopia, eu diria: se o marxismo tem relevância histórica atual... é porque a dimensão da transformação (do capitalismo) é uma exigência a ele inerente. Tal exigência absorve aquilo que está sendo chamado, aqui, de "utopia plausível".

(AN) - Em alguns momentos, me lembro de outra designação tua, Paulo, utopia é sonho possível...

(DS) - Sim. Neste sentido, a falência do chamado socialismo real foi uma evidência da falta de sonho daquela experiência. Em nome do realismo político e tecnológico sacrificou-se o movimento utópico...

(PF) - Concordo contigo, Dermeval. O que foi suicidado, no leste europeu, foi uma certa experiência de socialismo. Mas a história prossegue, as experiências prosseguem. O que, hoje em dia, alguns intelectuais tentam fazer é suicidar a capacidade que o Homem tem de, sendo histórico, prosseguir-se, educar-se para refazer-se. E isto é proposto de forma sutil. Por exemplo: há quem anuncie, hoje, que esta fase atual do capitalismo é o futuro desejável, o futuro que se aproximou. A proposta neoliberal pretende dizer que o futuro chegou e, se ele tardou ou chegou imperfeitamente, é porque houve um atraso. Qual ou quem atrasou?. Houve o entrave daqueles socialismos. Eles fazem um certo "mecanicismo a posteriori". De que forma?. Em nome da falência daquela forma de socialismo (que, em nome da liberdade, tinha que falir mesmo) há quem diga, hoje, que *agora sim, é que se realiza o capitalismo.* Agora sim, (eles dizem) o futuro está verdadeiramente chegando. E teria sido possível antes... se não tivesse sido entravado pelo socialismo. E pretendem que...

(AN) - ...agora que foi superado o obstáculo das experiências socialistas...

(PF) - pretendem que, nós todos, saudemos o atual capitalismo. E por que?. Porque este seria, segundo

eles, o momento em que o futuro chegou. A pretensão é absurda: eles pretendem passar uma borracha e apagar, sem reflexões, os 60 anos de experiências socialistas...

(AN) - há exemplos, fotografados ou ditos, que são igualmente absurdos. Há quem diga: *se você visita Moscou hoje..., se você visita a Alemanha Oriental hoje, o que mais sucesso tem, ali, é a cadeia de lanchonetes MacDonalD ou a grande magazine vendendo confecções.* Com isso, pretende-se apagar da reflexão um tempo. Pretende-se abolir este tempo, trocando-o por uma suposta "inserção" que atualmente se faz no consumismo. Segundo estas versões... as décadas de socialismo real teriam, apenas, produzido Homens e Mulheres ansiosos para frequentar o MacDonalD, consumir Pizza Hut ou artigos produzidos nos "mercado livre" dos tigres asiáticos... Pode-se ver/ouvir comentários ou fotografias segundo os quais a atual razão de viver dos alemães orientais (para dar um exemplo) seria frequentar/consumir camisetas, tênis importados ou moletons fabricados pelo capitalismo...

(PF) - Entendo esta sua posição, meu caro Adriano. Sinto-me bastante a vontade para concordar com ela. E prossigo: o que muito me aborrece, hoje, é um certo fatalismo. Um fatalismo trágico. A posmodernidade, através de alguns de seus arautos, na medida em que tenta des-historicizar às ações humanas promove fatalismo. *Não há nada a fazer, basta saber adaptar-se...* é a primeira conclusão a que se chega, quando foi abolida a capacidade Humana de ser e fazer-se, fazendo a História. Claro:- tal fatalismo ajuda muito àqueles que já estão beneficiando-se com ESTA ordem de coisas, já são bem nutridos, etc.

Para alguns, sinônimo de lucidez é um certo realismo político, é sinônimo de consciência um tal "politicamente correto". Eis aí, penso eu, uma arma terrível na fase atual. Fataliza-se os acontecimentos. Andei discutindo isso, em várias partes. Me lembro de uma recente visita ao Chile... discuti muito com gente jovem, e também com gente acomodando-se à sombra de um realismo "politicamente correto". Discuti muito. Dizendo-lhes que me aborrece que gente jovem vá amansando-se desta forma. E alguns me diziam: *mas, Paulo, ou se é assim ou, então, se é radical extremista.* Claro que isto me aborrece. O Ser Humano jamais é uma fatalidade que vai "acontecendo" no mundo através de apenas duas hipóteses, a cada passo.

(AN) - está subentendido aí, neste fatalismo, uma proposta para a educação. Propõe-se que Ela não deve ser desocultar, deve adestrar. Educar não é propor desafios dentro dos quais apreendemos a realidade, fazendo-a. Fazer ciência, através da educação, fica esquisito. Por que?. Porque pretendem desaparecer com aquela ciência histórica, aquela cujos procedimentos (pesquisa, experimentação, laboratório) tornavam transparente a ação humana de pesquisar, de testar empiricamente a realidade problematizante.... Retomaremos este momento da nossa prosa, com outros cientistas, de outra área de formação. Estou sentindo falta dos parceiros do clube da rúcula: Arguello (o Físico), Sebastiani (o Matemático), Wanderley (o Linguista), Adão (o Biólogo)...

(PF) - Penso que, para a ciência, é impossível propormos que a educação deve ser apenas adaptação. Não basta. Educar é bem mais do que simplesmente capacitar técnica e cientificamente. Capacitar, nestes termos, significa adestrar. Penso que isso é reacionário. Assim como foram reacionários aqueles que, no passado, pensavam que educar era apenas politizar *sem preocupar-se com a formação técnica, instrumental.*

Penso, meus amigos, que dialetizar, hoje em dia, é aprofundar ambas:- a formação técnico-científica e a leitura do mundo. São duas leituras necessárias. Ambas (leitura de mundo e competência técnica) vão incorporando-se à natureza do "ser Homem". É, então, uma natureza que vai sendo historicamente constituída. Gente como teu menino, Dermeval, gente como Ana Clara (a afilhada que têm 6 anos) hoje estão incorporando mais do que a geração de meus avós podia. O teu Benjamim, por exemplo, nasceu com direito à esperança. Por que?. Porque antes dele, o mundo e os Humanos fizemos com que historicamente

ele pudesse viver esse direito. Mas, pra que nos demos conta desta espécie de acréscimo, é importante dar-mos conta de nossa historicidade, nossa caminhada.

Penso, Dermeval, que estamos vivendo um momento dramático. Estamos sendo desafiados com dramaticidade.

(DS) - tomando à própria História, Paulo, vejamos como isso se dá. Se Marx não teorizou sobre o socialismo mas, sim, teorizou sobre o capitalismo e suas contradições é porque (naqueles dias) o socialismo era apenas um germe. O capitalismo estava emergindo firme. O que ele (Marx) fez foi leitura de movimentos internos ao crescimento do capitalismo. A socialização do trabalho, ele observou, estava presente naquele crescimento. E isso contrastava com a apropriação privada da riqueza. NO CAPITALISMO, gerar riquezas tem sido transformar o trabalho em mercadoria. Segundo Marx, um primeiro "remédio" seria a socialização dos meios de produção. Por aí caminharia o socialismo: nunca negar o trabalho humano, nunca transformar trabalho em mercadoria (com valor de troca, apenas).

(AN) - É importante, Dermeval, a repercussão disso: o trabalho do (a) Educador (a) nunca pode ser valorizado apenas como equivalência (troca) entre custo e benefício (ou inversão e produtividade)...

(DS) - Penso que a iniciativa de Marx em teorizar um socialismo científico era a busca de um instrumento. Com este instrumento, se poderia analisar o momento e o processo capitalista. O instrumento era a teoria. Ela facilitaria a luta dos trabalhadores. Em sua pesquisa, Marx estudou o nascimento, a existência e o desenvolvimento do capitalismo; estudou, também, sua superação por outro tipo de relações sociais de nível mais Humanó. Seria o socialismo, esse tipo de relações sociais de nível melhor. Ele se gesta no interior do próprio capitalismo, a partir de certas contradições típicas deste. Como vemos, Marx não estudou a sociedade socialista. Este tipo de relações humanas não estava (*nem está, hoje*) constituído. Para Marx, esta nova forma de sociedade se constituiria após um esgotamento; vale dizer, quando o capitalismo tiver esgotado suas possibilidades.

Houve marxistas que correlacionaram 1.) o grau de organização e desenvolvimento do capitalismo com 2.) suas contradições internas, os problemas sociais que ele gera. Houve até alguns enganos: houve quem dissesse que os países mais capitalistas, no início do século XX, seriam o berço de transformações com rumo socialista. A Alemanha era bastante capitalista, no início do século. E, embora tivesse um operariado organizado e forte, na Alemanha as transformações de orientação socialista malograram. Um grupo de estudiosos organizou-se, em Frankfurt, e pôs-se a discutir e publicar a partir desta constatação. Colocavam-se questões de tipo: *mas por que, então, o operário comum não se apaixona de imediato e adere a causas socialistas, que poderiam fortalecê-lo?* Buscaram contribuição de outras teorias, além do marxismo, para esta empreitada (a sociologia, a psicanálise). Pode-se dizer que a contribuição desta escola é heterodoxa.

A Rússia foi diferente. No início do século, ela era um país atrasado (do ponto de vista da organização capitalista). Ali houve uma guerra civil que criou as condições e as bases para uma experiência socialista. Uma guerra civil altera muitas coisas em curto espaço de tempo. Lenin acreditava que a vitória do socialismo na Rússia seria seguida de outras revoluções socialistas, em outros países (aqueles desenvolvidos no capitalismo). Ele via naquela época uma crise global do capitalismo e que, desta crise global, surgiriam amplas transformações de rumo socialista. Mas isso não aconteceu. A História desenvolveu-se por rumos e opções diferentes.

Na Itália também malograram as transformações globais de rumo socialista. O fascismo principiou nacionalista, iludiu a alguns, mas caracterizava-se por uma forte orientação nacional-capitalista. Gramsci teorizou, nesta fase, explicitando sua concepção acerca do estado ampliado. É tão abrangente a presença do estado na sociedade civil (ele observava) que as transformações de orientação socialista necessitam ser, elas também, difundidas pela sociedade inteira. Portanto, não bastaria conquistar o aparelho de estado.

Sem esta penetração pela sociedade civil, podia-se até conquistar o aparelho de estado (ou o governo) mas não se sustentaria um direcionamento efetivamente socialista. Daí a importância da sociedade civil. Diferentemente da escola de Frankfurt, Gramsci trabalhou intelectualmente de forma ortodoxa, no sentido de ampliar e desenvolver internamente à teoria marxista. Ortodoxo, no caso dele, quer dizer: fidelidade ao método. A fidelidade de Gramsci ao método é aquela de não-subserviência: fidelidade a um método é desenvolvê-lo, é trabalhá-lo. Para não esclerosá-lo.

No contexto descrito, diante do fracasso das mencionadas tentativas de revolução no Ocidente, veio abaixo a perspectiva de Lenin, de que a Revolução Russa fosse um "primeiro momento" de uma Revolução Proletária geral. Essa situação mudou o slogan: **proletários de todo o Mundo, uní-vos**. A estratégia do movimento socialista foi repensada. Pensou-se a possibilidade de lutas de acordo com as condições específicas de cada país. A orientação da III Internacional afasta, então, a possibilidade de uma Revolução Geral, internacionalmente conduzida. Frisava-se, a partir daí, a direção nacionalista. E mais do que isso: passou-se à tese de que os Partidos Comunistas deveriam atuar liderando a Revolução democrático-burguesa, como se esta fosse uma etapa anterior à Revolução Socialista. Surgem ali as reflexões progressistas-liberais, de tipo Escola Nova. Esta fase, no entanto, já não correspondia à teoria elaborada por Marx. Pois, para ele, o socialismo poderia surgir quando implantado de forma global. Sua teorização não respalda a fase de socialismo em um só país, conforme se pensou a partir da década de 20.

Quanto à atualização do pensamento de Marx, me chama a atenção uma reflexão de J.P.Sartre, lá na Crítica da Razão Dialética. Ele, que não se definia como marxista, escreveu: *O marxismo é a filosofia viva e insuperável dos nossos tempos*. Se nossos tempos são tempos de hegemonia capitalista... e o papel da filosofia é pensar os problemas de nosso tempo... os problemas do capitalismo estão sendo refletidos pelo marxismo. Enquanto não superarmos o capitalismo, enquanto pensarmos sobre seus problemas pensaremos a partir da contribuição marxista.

Uma espécie de conclusão que eu construí seria mais ou menos assim: *se o socialismo tivesse triunfado... então nós estaríamos pensando seus problemas e suas limitações. Neste caso estaríamos vivendo o fim do capitalismo. Então se colocaria a questão de superarmos o marxismo*. Até porque, nós sabemos, Marx não teorizou sobre o socialismo mas, sim, teorizou sobre as contradições e os movimentos internos ao capitalismo.

(PF) - Exato. Concordo com tua abordagem. Vejamos: quando um intelectual como Dermeval coloca estas questões, me chama a atenção uma enorme obviedade na colocação. No entanto, postas na mesa, nós descobrimos que as obviedades não se apresentam como óbvias. Foi preciso embasamento. Na medida em que ele coloca observamos e "arrematamos": *pois olhem, é assim mesmo e nunca havíamos pensado sob este ângulo*.

Penso, meu caro, que tua linha de raciocínio está absolutamente correta. Enquanto as dores, fruto das contradições do capitalismo, estiverem aí, doendo, não dá pra suprimirmos os sonhos, os desejos e as insubmissões socialistas. O fecho de tua análise, Dermeval, me realimenta para reiterar o que eu dizia: *este não é um tempo de choro ou fatalismo, embora tenhamos motivo ou vontade de fazê-lo; este é um tempo dramático, desafiador, tempo de briga e de esperança*.

Em minhas andanças por aí... na medida do possível, na medida das disponibilidades de agenda tenho aceitado alguns convites de Instituições, de Secretarias de Educação... e tenho reiterado isso. Em meio às reflexões, eu digo algo assim: *meus amigos, minhas amigas, foi com satisfação que aceitei esta oportunidade de conversar com vocês*. E, depois, encontro jeito de dizer: *Não se deixem possuir por fatalismos, de qualquer tipo, pois isto emperra a reflexão. Fatalismo é aceitação passiva, elimina o senso Humano de ser e sentir-se fazedor de História...*

(AN) - Meus caros Mestres, Paulo e Dermeval, gostaria de sublinhar um terceiro aspecto decorrente

desta prosa. Eu resumiria:- **não é possível, ao trabalho intelectual de esquerda, contentar-se com modismos. Pois "estar na moda" teoricamente talvez seja uma forma erudita de fatalismo.** Em seguida, me permite, Paulo, recordar-lhe algo que já ouvi de ti. Além de roubar do Ser Humano o senso Histórico, o fatalismo despolitiza. Em que sentido?. Despolitiza porque propõe uma certa apatia para o agir Humano. Propondo "mão única", em vez de propor a opção transparente, o **modismo obscurece.** Impede que o Ser Humano cresça tendo opções, criando opções, fazendo opções... Favorece a uniformidade, como se todo mundo pudesse pensar numa única direção. E, assim, favorece a intolerância.

(PF) - Sim, exato. Em ocasiões como estas, que mencionei, em que converso com grupos, tenho por hábito refletir... talvez no sentido em que tu me recordas: *aceitando um convite de refletir com vocês, penso que não devo me esquecer de Vossa capacidade e necessidade de fazer opções próprias. Mesmo em relação a mim, que Vos falo agora e tenho mais idade e mais "tempo de janela" que vocês. Por que?. Venho cá... trago reflexões próprias... tenho gosto em repartí-las com vocês. Além disso, estou buscando ser convincente, Tenho vontade enorme de convencer vocês de certas opiniões, certas posturas. No entanto, apesar desta minha vontade de tentar convencê-los (las), eu não me esqueço de que vocês é que decidem sobre suas opiniões e posturas. Ou seja: busco transparentizar, dentro de nossos diálogos, o processo de optar e formar pensamentos, opiniões e atitudes.*

Agora... Dermeval, tenho, por vezes, a impressão de que há muita gente demasiado mansa, demasiadamente bem-comportada. É coisa generalizada... o pior fatalismo ou modismo seria esse "politicamente correto" que anda por aí. Não é apenas de São Paulo, do Recife, dos Estados Unidos ou do Chile... Penso que uma das características deste tempo é que muito intelectual se "amoitou"...

(AN) - me dá, por vezes, a seguinte impressão: muita gente vai "amolecendo" sua capacidade de utopia; em seguida, e concomitante, um certo desânimo quanto à reflexão, desânimo quanto à inteligência sobre o tempo nosso... que termina sendo "menos nosso". A cada dia vai sendo mais um tempo fatalmente entregue. ENTREGUE à inércia dos governos e suas fisiologias, ENTREGUE ao labor intelectual ditado pela teoria que "está na moda", ENTREGUE à violência urbana (da qual pensamos nos proteger apenas com polícia e quase nunca com melhor política), ENTREGUE a uma certa perversidade dos "mass media", eles teimosamente estão convictos de que não apenas comunicam fatos mas, também, produzem o fato... Na sequência, muito companheiro da gente se põe a caminhar como se seus passos fossem opção única. É uma forma de apatia ativista...

A que me refiro?. Refiro-me a uma ansiosa individuação. *Aliás, se não fosse furiosa, individuação é direito e gosto de cada um em relação à sua expressão, à sua formação.* Nisto, que denomino "furiosa individuação" percebemos um retraimento, percebemos um certo abandono de sensações, direções e compromissos com tudo aquilo que cheira a coisa pública. Afirma-se, como característica apenas individual, uma busca de felicidade associada ao retraimento. Afirma-se uma curtição de tipo "carpe diem" associada à umbilical redução que desata o fulano (fulana) de seu bairro, de seus vizinhos, de toda pertença coletiva. Formam-se "tribos". São formas de grupalizar. São "tribos" de indivíduos grupalizados pela semelhança de hábitos. Mas é apenas socialização virtual...

Vejam os Senhores, um certo paradoxo: POR UM LADO, *amplia-se a vida social.* Tem mais gente buscando mais modos de viver, alimentar-se, vestir-se... tem mais gente tentando mais modos de viver, morar, acasalar-se... tem variações de consumo que são cada dia mais amplas. Muitas destas variações exprimem-se através de movimento social. POR OUTRO LADO, *esta ampliação da vida social* não amplia, também, as garantias (direitos) públicos para a vida das maiorias. Nada disso. As tentativas ampliam o movimento do social desde o ponto de vista de integrar-se e reivindicar melhor consumo. Tudo muito localizado, muito individualizado e **o que me parece despolitizador:** tudo sob o controle das interações pela via dos MassMedia, padronizantes... cultura "vira" geléia geral, movimento político é sinônimo apenas de "ser situação" ou "ser

oposição”.

Para o que chamo nossa atenção?. Para a não ampliação (no social) da dimensão pública e cultural que garantiria coletivamente as conquistas e os direitos. POR UM LADO: a expressão de movimentos é intensificada. POR OUTRO LADO: não perdura como memória pública, não incorpora direitos e conquistas à cultura. Vai, então, crescendo um sentimento de “nunca baixar a guarda”. O que permanece é o sentimento de “fique na sua”. E outros, deste tipo, que sugerem que o crescimento cultural deve ser entendido como armazenamento de informações e objetos, com o intuito de defender-se e contra-atacar na vida social.

A concepção de educação compatível com isso, como já foi dito aqui, é aquela de armazenar (ou adestrar) para defender-se da vida. As expressões e desejos de democracia buscam uma democracia que apenas se restrinja a garantir as liberdades individuais. Ou seja, e segundo estou pensando, a democracia que se imagina, por esta via, é uma democracia desvinculada de sua natureza coletiva. Desvinculada de sua capacidade de criação cultural de direitos... A direita, hoje, fala muito e propõe muito esta concepção de liberdade. Ela propõe que o Ser Humano deve ser livre para individualizar-se, quanto mais plenamente melhor. Tudo bem, tudo bem se supomos que o Ser Humano se desenvolve apenas como indivíduo; ele, então, que se cuide. Pois quem cuida do social é a livre iniciativa. E quem rege a “livre” iniciativa é a lei da oferta e da procura...

Isso é o que me parece uma perigosa apatia. POR UM LADO: intensa participação, intensificação de mecanismos e movimentos individuais/grupais. POR OUTRO LADO: apatia política, uma certa fuga que deixa as decisões públicas entregues à inércia dos políticos (fisiologia de governos).

(DS) - Eu veria alguns riscos, bastante comuns nesse quadro aí. Um primeiro risco —como já foi mencionado aqui— seria o modismo. A vida intelectual estaria guiada, agora mais do que nunca, por um certo oportunismo, um certo “estar na moda”. Por outro lado, outro risco é gente que está perplexa diante do que vê, diante do que sente. E tende a permanecer perplexa. Perplexos, se retraem. Ficam “na sua” como dizia o Adriano. Os retraídos buscam (são levados a) formar “tribos”.

Gente de minha geração podia refletir tendo, como um outro pólo, o “lado de lá”. Refiro-me à experiência do socialismo real que, criando sistemas políticos autoritários, criou, também, padrões sociais de vida menos pobre. Quando havia, e houve, abusos estes eram desmando político. Mas não era uma característica estrutural da economia... a teoria não sustentava aquilo. Podemos dizer que um certo silêncio teórico sustentava. Na década de 90, não há um “lado de lá”. E tudo é apontado como sendo “caminho único”, ou única opção. Os problemas se avolumam e as transformações parecem ser viáveis apenas se forem transformações realistas, politicamente convenientes, previstas...

(AN) - Permita-me lembrar, Dermeval, penso que é bom recordar noções que nos permitam compreender a História segundo a dialética recente (século XIX). Esta noção PRIMEIRO É HEGELIANA... Retomou-se a concepção Kantiana que diferenciava entendimento e razão. E ele (Hegel) mostra que o entendimento (o lugar do infinito) é o lugar das contrariedades, das classificações, lugar dos positivos autônomos e concomitantes, da exterioridade entre estes positivos.

Em seguida, Hegel disse que a razão, ao contrário, é o infinito em atos. O entendimento em ação. A razão seria o paciente trabalho do espírito que passa de cada figura finita (à qual ele se encarna) para a memória ampla de si mesmo. Assim, o espírito que raciocina seria aquele conjunto de atos de recolher e lembrar seu próprio caminho. O papel da contradição é fundamental para esta dialética. Os contrários não são apenas autônomos e mutuamente positivos na sua contrariedade... pois isto resultaria numa opção única, bipolarizada. Mais do que isto, a contradição realiza uma interioridade que nega. Nega para reafirmar-se, numa evolução. É o movimento reflexivo de POR-DESTRUIR-REPOR. Surgiu aí, como concepção, uma noção de trabalho. E o que é o trabalho?.

Primeiro eu me sinto tentado a dizer: o conceito de trabalho a partir da dialética Hegel-Marx é algo otimista... *o Homem é o fazedor do Homem*. É um movimento com o qual, dentro da contradição, um dos termos nega-se a si mesmo através da positividade do outro. E, ao fazê-lo, trabalha. Esse "negar-se a si mesmo" *do ponto de vista da transformação que o trabalho requer* não permite fatalismos. Ao contrário, exige o trabalho de recuperar-se a si mesmo como recomposição. Numa outra situação: nova, mais culta, inédita.

Avançando em relação a Hegel, Marx acrescenta: a contradição não é apenas o motor que aciona o infinito (o não-fechamento) na História. Mais do que isso, em Marx a contradição é o obstáculo que, sendo superado, faz-se histórico. Faz aquilo que Paulo dizia: o Homem, historicizando-se, faz História.

(PF) - Sim...Adriano... e na falta de vislumbramos à possibilidade de superação e novidade... resta-nos algo que, na América Latina, eu gosto de denominar "*a busca do centro*". A procura do inexistente centro. Vejam comigo, meus amigos, uma leitura que tenho feito sobre El Salvador. Estive neste pequeno país, pouco tempo atrás. Convidado, aceitei com gosto. E me vi apreendendo, eu me situei como "aluno daquela realidade", aprendendo a contribuir com eles. Como vocês sabem, havia vários grupos de guerrilha organizada, lutando, disputando. Há algum tempo atrás estes vários grupos se puseram em situação de diálogo: "não é possível continuarmos morrendo e matando apenas... é importante tentarmos uma superação". E, com este espírito, tentaram uma solução nacional. E, juntos, trouxeram a O.N.U. para dentro do país, convidada como uma espécie de parceiro-fiscal num acordo. Me pareceu um passo importante, um avanço de maturidade. Embora cada grupo se mantivesse armado, embora cada grupo mantivesse suas áreas de influência, tentou-se um acordo, uma saída nacional. Quando visitei El Salvador, visitei um centro de reflexões e estudos da guerrilha. Era um lugar em que ministro nenhum podia, ali só entrava quando convidado. Partiu-se destas reflexões para tentativa de superação. Tentou-se construir algo a partir dos contrários.

Recentemente, entretanto, as várias posturas estão tentando anular-se. Como?. Pretendem anular seu passado e transformar a violência daquela via (a guerrilha) numa espécie de centrão. Como se agora todo mundo pudesse ser "cor de cinza", porque as cores do passado recente eram demasiadamente fortes e contrastantes. Se agora tudo é centro resta-lhes apenas uma leitura do passado: tava todo mundo descentrado, todas as posições eram puro erro. Eis aí, meus amigos, uma espécie de compreensão que anula a história, inviabiliza que o passado contribua com o presente. Como lhes disse, conversei, anos atrás, com gente fantástica que veio crescendo ali. Gente que veio amadurecendo nas reflexões e nas contradições até então existentes. Vejo com lástima uma solução deste tipo: *bem, façamos, todos nós, um estágio na direita. Após este estágio, todos nós estaremos igualizados. No centro*. Estou caricaturizando, é verdade, mas me dá pena isso. Não se transforma tão simplesmente antagonismos do passado em centralidade uniformizada. A não ser, é claro, com um certo desprezo às razões da história.

(AN) - Estabelece-se um vínculo muito rápido, Paulo, vínculo muito superficial (a meu ver) entre tais situações anteriores e uma concepção pedagógico-desenvolvimentista. O desenvolvimento passa a ser visto como um simples mudar de trajes, desventando com rapidez os hábitos do passado para vestir hábitos modernizantes. Estes, por si só, garantirão status modernos de desenvolvimento... Tais hábitos modernizantes, há quem afirme, são vestidos. Pode-se comprá-los, aos pacotes, conforme pressões (receitas) do Banco Mundial. E, vistos no seu conjunto, eles são apenas uma questão de qualidade total, ou qualificação total...

Como salientava o Professor Dermeval, está havendo perda de vigor na teoria (na reflexão). Por que?. Porque a contradição passa a alimentar apenas à busca de alternativas individuais e "tribais". A noção de observação e compromisso coletivo (a "velha" noção de classe) rapidamente cede lugar: *pensa-se em eliminar a imposição da pequena minoria sobre a imensa maioria*. Eliminar como?. Propondo a liberdade, propondo a liberação de uma potencialidade abafada, oprimida. São imagens de liberdade que sugerem busca

de alternativa. Mas sem vínculos históricos com o passado. Talvez porque o passado sugerisse confrontos...

(PF) - exato, em viagens recentes ouvi isto inúmeras vezes. Nos EUA chega a ser uma moda... Face a tais afirmações, eu me encontrei, já, refletindo e perguntando: *mas, meus amigos, e o que é que nós iremos fazer face à atual capacidade (que é enorme) do capitalismo de gerar e aumentar os problemas sociais?* Isso, confesso a vocês, me leva a duvidar da longevidade deste momento neo-liberal... Nenhum momento anterior na História Humana foi tão voraz em produzir pobreza e excluir os "não alinhados".

(DS) - sim e isso nos conduz a conversar um pouco sobre a modernidade. Como salientava o Adriano, um símbolo da modernidade poderia ser a razão, o "cogito, ergo sum". Talvez o símbolo da pósmodernidade venha a ser o "digito, ergo sum". É uma ironia, claro. A máquina, o industrialismo foram a marca anterior: isto permitiu avanços e, também, gerou problemas. A microcomputação e os processamentos eletrônicos são marca da pósmodernidade. Dentre os avanços que ela permite está uma certa forma de inteligência que desmemoria. As próprias operações intelectuais estão sendo transferidas para a microcomputação. Resultaria disso uma ampliação enorme do tempo Humano livre?. Ou simplesmente passaremos daquele trabalho moderno (alienante, sequenciado, mecanizado) para o trabalho pósmoderno (desemprego estrutural do Humano)?.

Ainda há problemas sociais. Eles só fazem aumentar. A não-reflexão sobre os problemas do capitalismo moderno gerou uma incapacidade política de resolvê-los. Acumularam-se problemas, num ciclo vicioso. Ora, a isso se soma a geração estrutural de problemas do capitalismo pós-moderno: aumenta o número daqueles que não podem rapidamente desvestir-se do passado e não conseguem travestir-se de hábitos de qualificação total. Aumentam os excluídos. Alguns, talvez bem intencionados, buscam soluções apenas técnicas para esse problema. Isso não basta. É estrutural no capitalismo a característica de servir bem, servir cada vez melhor a um número cada vez menor de pessoas. Só se altera isso pensando e agindo política e tecnicamente.

O socialismo balizava isso, contrabalançava. Como se sabe, o socialismo foi um fracasso político, gerando governos burocrático-totalitários. E, por isso, incompetentes. Sua incompetência era de ser burocrático e totalitário. Mas não é possível simplesmente esquecer algumas de suas tentativas no que se refere ao padrão de vida social. Sendo, agora, apresentado como única via, este capitalismo pósmoderno propagandeia afirmações que ocultam sua controvérsia interna. Estou pensando num exemplo, que é comum ao capitalismo pós-moderno:- pode-se afirmar que direitos sociais são prejudiciais ao trabalhador. Por que?. São prejudiciais porque custam dinheiro ao capital e isso encarece o produto final, diminuindo sua competitividade no mercado. Sempre o mercado, claro... E mais. Pode-se afirmar: os direitos sociais prejudicam o trabalhador também por outro aspecto. Se pouparmos o capital (e o capitalista) de gastar dinheiro com direitos sociais, supõe-se que este capitalista irá investir mais... pois, deixado livre, o rumo do capital (ditado pelo mercado) é procurar mais investimento no próprio mercado. Uma pergunta demasiado óbvia que, talvez por isto mesmo, não é perguntada: *se isso ampliasse o mercado, ampliando a produção, exigiria a sofisticação dos produtos. Sofisticação para mais competir com outro produto. Mas... com menos direitos socialmente garantidos, o operário empobrece. A cada dia o salário tem menor poder aquisitivo. QUEM, então, iria consumir a crescente sofisticação produzida?* Não seria o operário. O operário não é o consumidor em potencial. Ou seja, a própria exclusão propicia a explicação "lógica" para que poucos, pouquíssimos, consumam mais e cada dia melhor.

Não me agrada a expressão neo-liberal, não me parece exata. Isto que está ocorrendo aí é um pós-liberalismo. Lembremo-nos: neo-liberal era o pensamento de Keynes. Significava algo diverso disto que temos hoje. Diziam os keynesianos: "já que o mercado tem levado a crises, cada vez mais sérias, nós devemos montar mecanismos de contornar às crises. Keynes, um representante inglês do pensamento burguês, conhecia Marx. Mas, enquanto Marx fazia leituras buscando saídas desde os interesses do operá-

rio, Keynes propunha saídas sob o enfoque do capital. As crises, para ele, não sugeriam possibilidade de algo novo. Não. Crises eram sintomas para perfeccionar o capitalismo existente. A tese dele era: - se possível, deve haver mecanismos de controle para impedir o surgimento de crises. Sendo impossível controlar as crises, Keynes buscava minimizar os efeitos delas. O que ele propunha?. Propunha planificação. De que tipo?. O estado, segundo ele, regularia o mercado, evitando os excessos. Haveria, então, políticas econômico-sociais que regulariam as leis de mercado. Daí ele defender, na época, inclusive àqueles investimentos declarados improdutivos: ele propunha que a economia não estivesse simplesmente submetida a flutuações e viagens do capital. Ao estado caberia planejar. Caberia orientar parte do capital para certas opções. Este grau de planificação "tempera" o livre-arbítrio das leis de mercado. Na mesma Inglaterra do Keynes, vejo que é difícil definir Margareth Thatcher como neo-liberal. Após uma década de política conservadora, o período Margareth ampliou de 3 por cento para 10 por cento o desemprego. As atuais políticas econômicas conservadoras não conseguem cumprir com as Teses do liberalismo clássico... Keynes não é possível mais.

Paulo mencionava, agora pouco, algo que Eu retomo: a Modernidade tinha suas crenças, havia um leque maior de consensos. Entre a direita, era consensual a crença no progresso, a crença de que com aperfeiçoamento do sistema se sanariam os problemas sociais. Nas esquerdas, acreditou-se que bastava mais técnicas (*mais aplicação tecnológica*) e mais leis (*mais aplicação das leis*) para que as contradições e a própria crise gerassem uma nova sociedade. Uma outra herança que a Modernidade "trouxe" do século XIX para o século XX foi a crise de confiança na razão. G. Luckacs escreveu sobre isso: - a crise da razão. A estruturação da sociedade vinha se explicando, cada vez mais, por justificativas irracionais, considerando que já não se conseguia se justificar racionalmente qualquer dominação, qualquer forma de colonialismo/exploração/opressão etc. Me parece que o clima em que vivemos hoje, década de 90, tem alguma semelhança. Na medida em que os problemas se avolumam... na medida em que é impossível controle sobre as contradições... na medida em que é impossível um planejamento... a visão pós moderna me parece que vive uma certa miopia. Sua forma de razão não vai muito além do imediato. O que eu, cidadão, posso fazer vivendo neste clima?. Parece que a única coisa a fazer é desfrutar do presente... talvez naquele sentido de um "carpe diem" que Adriano mencionava. Quando não mais é possível planejar, quando não mais é possível garantir a efetividade da interferência política na realidade... um certo nihilismo se instaura. Um certo cinismo...

(PF) - Exato...

(DS) - Uma novidade, meus amigos, que nós temos pela frente e cada dia mais se apresentará é a seguinte: os modernos empresários estarão se preocupando com habilitação de operários. O que é que eles desejam?. Desejam capacitação geral, rapidez de raciocínio, grande potencial de incorporação de informações, adaptação mais ágil, capacidade de lidar com conceitos abstratos... BEM, tudo isso não é próprio do analfabetismo. Penso que não se trata de altruísmo mas, antes, é busca de operacionalizar o próprio projeto. E eles chamam isso de educação. Tenho mais impressão de que se trata de uma alíquota deduzível no imposto. Creio que é, como Paulo sublinhava, adestramento.

Parece-me que a esquerda não está sabendo situar-se nesse panorama. Não tem sabido "dar a volta por cima". O trabalho intelectual precisa colocar-se com vigor, com propostas. Com utopias plausíveis ou sonhos possíveis. É uma forma vigorosa de pensar a realidade não apenas através de modismos. Mas pensar a realidade através da ação Humana, agindo dentro das contradições.

(PF) - Creio que tu estás correto. Creio que, antes, um certo mecanicismo era uma razão pela qual a esquerda se desinteressava por educação. Era como se dissesse... *você só transforma a super-estrutura quando mudar a infra-estrutura... A educação, sendo super-estrutura, vai mudar quase que automaticamente quando nós tivermos feito a revolução.* Claro: estou caricaturizando um tanto, mas era neste rumo.

(DS) - Uma forma de interpretarmos o que está havendo seria:- uma das dificuldades da sociedade capitalista é lidar com o saber. Precisamos da escolaridade, alguns empresários modernos (cada dia mais) preocupam-se com escolaridade e, concomitante, a escola é esvaziada, ela é desprestigiada. Adam Smith, no começo da sociedade moderno-capitalista, sugeria que se educasse operários em doses homeopáticas; devia-se transmitir-lhes o mínimo suficiente, o mínimo necessário para a integração do operário. Integrar é sinônimo de adaptar-se vejam, talvez naquele sentido que Paulo criticava.

Atualmente, o quadro alterou-se. Há fragmentação no processo de produção, já não é hegemônica aquela forma de produção em série. Fragmentam-se os saberes. E como lidar com estes saberes, tão fragmentados?. Como educar gente, de forma fragmentária?. Penso que é aí que aparecem concepções de tipo QUALIDADE TOTAL. Pergunto como vocês veriam isso... dentro do rumo desta reflexão.

(AN) - sim, professor Dermeval, acompanhando tua linha de raciocínio... a qualidade total, nas formulações que andei estudando, tem a ver com a idéia de performance. É uma idéia de desempenho. Propõe, com palavras novas, uma antiga noção de administração: *os efeitos são administráveis pelas suas causas. O QUE É ADMINISTRAÇÃO (segundo esta ótica)??*. Administrar é correlacionar o produto com o investimento... Pra meu gosto, fica um "vazio de sentido" aí. Se o fim justifica os meios é porque ele responde apenas ao investimento inicial *sem corresponder ao processo humano que o realiza*. Ficou esquecido o processo. Ele é posto no vazio.

É a proposta que está "em moda". Com a seguinte característica:- O QUE É QUALITATIVO?. O qualitativo é definido externamente e previamente à interação Sujeito (que conhece) e Objeto (do conhecimento). Quando a definição de performance (ou desempenho) é externa ao processo cognitivo, ela equivale a uma qualificação que pretende "nivelar por cima". E, neste caso, quando a medida é prévia e externa ao processo... ela TANTO pode estimular (a *relação educativa*) QUANTO pode, simplesmente, justificar a exclusão (que aparece como *fracasso escolar*). Um exemplo, eu já escutei em várias situações:- "o desempenho de cada aluno, o desempenho cada classe pode ser compreendido conforme a equação *custo-benefício*". Claro, nós sabemos, a lógica do mercado exige que haja mais benefício do que custo. Ou, então, que haja equivalência. Segundo esta compreensão, o que é que se faz para buscar melhorias?. NO INÍCIO, busca-se definir *previamente e quantitativamente* o que é benéfico. DEPOIS, busca-se verificar (avaliar) se a relação educativa teve performance, alcançando índices.

Eu diria que é, muito mais, um processo legitimador da exclusão. Por que?. A educação é um conjunto de processos cuja produção não é material. Educação não é mensurável em quantidades. Qualquer medida, para ser justa com o processo, deve ser engendrada no interior dele. Creio que estamos todos de acordo no seguinte:- é importante avaliar e ser avaliado. Mas, para que o Ser Humano sinta prazer (e não medo) em ser avaliado... a medida com que ele é avaliado e, a partir daí, faz "correção de rota" precisa ser engendrada nas interações. Mesmo quando ela, medida, seja influenciada por teorias ou planos prévios, é no processo (e somente nele) que ela pode ser criticada e melhorada.

(DS) - QUALIDADE TOTAL... eu, muitas vezes, andei me perguntando: *mas, afinal, o que significaria esta QUALIDADE TOTAL?...*

(AN) - ou, então, o que significaria este TOTAL da qualificação?.

(PF) - pois é, mas prossigam. Vejamos ,meus amigos, onde e o que iremos encontrando no fundo destas "escavações" reflexionantes.....

(DS) - ...fiz minhas suposições, confirmam. Uma primeira compreensão poderia dizer respeito ao consu-

midor. Neste caso, qualidade total teria que ver com a *total satisfação do consumidor*. Este seria um vetor externo. O parâmetro seria o cliente, o consumidor que, cada dia mais exigente, deve ser satisfeito. Para que ele seja satisfeito... qualidade total, então, quereria dizer satisfação total.

Em seguida, penso que há um segunda compreensão, interna. Diz respeito ao envolvimento do operário (do trabalhador) com o sucesso da empresa. Seria o modelo ou a concepção japonesa (toyotista). Aquele trabalhador que "veste a camisa" da empresa está trabalhando com pleno convencimento que seu sucesso é resultante e concomitante com o sucesso da empresa. A relação entre os trabalhadores é de cobrança, todos cobram (uns dos outros) uma qualidade total.

Uma curiosidade que me fica é a seguinte, reflitam comigo:- sempre, historicamente, que a defesa da qualidade se impôs, isto aconteceu por imposição "em cima" da quantidade. Esta qualidade total seria, então, qualidade a qualquer custo e, por isto mesmo, seria explicadora (justificativa) da exclusão.

(AN)... se menos pessoas sobrevivem no sistema... é porque os poucos sobreviventes são cada vez melhores...

(DS) E tudo aquilo que ela, qualificação, não mede: rotinização desestimuladora, dispensas, resistências, desemprego, tudo isso passa a ser considerado como quantidade. Ou, então, isso é considerado como "preço necessário", preço a ser pago para atingirmos a qualidade dos mais aptos, dos mais modernos. Me faz recordar àquela reflexão do Gramsci: *a defesa da qualidade contra a quantidade geralmente significa a defesa do interesse de poucos contra interesses da maioria*.

Tais propostas, ao mesmo tempo em que permitem colocar exigências para a educação (que, de fato, carece de melhoria qualitativa) ao mesmo tempo são propostas excludentes; tanto em nível da produção quanto em nível da formação requerida.

Face a tudo isto, meus amigos, uma preocupação nossa é quanto à esquerda. Penso no trabalho do (a) educador (a) progressista. Penso, também, em como escutarmos e apreendermos estes momentos e estes movimentos. De modo tal que o trabalho intelectual saiba mover-se, saiba potencializar-se. Neste sentido, me parece interessante esta associação entre mundo da educação e mundo produtivo... estou me referindo a este trabalho conjunto que vocês, do Núcleo NIMEC/UNICAMP, tem feito entre 1992 a 1995 em parceria com uma Associação Sindical de Professores. Interessante por que?. Porque é na organização intelectual desde o trabalho que se reforça político-pedagogicamente a luta por condições mais dignas, por Educação mais competente.

(AN) - Se lhe compreendo, Dermeval:- *propostas de Educação competente brotam a partir de refletirmos junto com aqueles que podem refletir a realidade (e as contradições) da situação coletiva. Situação socializadora. De quem?. Situação coletiva do trabalhador da Educação*. Estes, me parece, estão propondo, sim, questões de liberdade. Mas a liberdade sob um enfoque que é próprio à ação profissional-coletiva. Penso que é a liberdade que busca condições mais dignas. Trata-se, penso eu, de ações cuja busca é a liberdade de convivência entre propostas diferentes. Trata-se, também, de ações que buscam diminuir a desigualdade (no plano socioeconômico) através de afirmar a diversidade (no plano cultural). Diminuir a desigualdade sem uniformizar QUER DIZER não apenas atuar de forma corporativa. QUER DIZER buscar encaminhamento que não sejam "de mão única", ou re-soluções "de cima pra baixo" mas, sim, sejam consensos ou pactos transparentes. No campo da Educação, convivência entre diferentes propostas quer dizer: *currículo multicultural, calendário escolar flexível, organização de conteúdos científicos em acordo com hábitos culturais pesquisados, concepção de avaliação não-unificada, professor remunerado também como pesquisador e não apenas como "dador" de aulas...etc.*

Temos notado avanços nisso. Seriam avanços profissionais-culturais, fazedores de pactos ou diálogos, como dizia o Paulo, construindo historicamente e socialmente um terreno comum (a coisa pública, a República). Nesse terreno comum faz-se o registro, memória das conquistas. Registro e memória aumentam o espaço em que direitos vão sendo culturalmente e publicamente incorporados. Me comoveu bastante, confesso, o Paulo lembrar que nossos filhos pequenos (a Ana e o Benjamin) podem incorporar certos direitos à sua jovem existência. É possível que novas gerações vivam direitos mais Humanos porque houve, historicamente, quem vivesse esta possibilidade. A noção de espaço público é importante aí. **Espaço público seria sinônimo de direitos conquistados, direitos incorporados à cultura civil de uma sociedade.** Eu diria... é uma dimensão concomitante à de cidadania.

Uma questão bastante prática, Paulo Freire e Dermeval Saviani. Vocês dois são intelectuais e educadores lidos, influentes. Na década de 70 e 80 foi a partir de vocês 2, principalmente, que nosso país elaborou teorias, refletiu propostas em Educação. Talvez, até, além do raio de ação pessoal de ambos... Vossa influência fez "escola". Gente de minha geração fez as primeiras reflexões primeiro lendo, depois vendo e ouvindo vocês dois. Às vezes, me parece, nós discutimos suas contribuições de uma forma um tanto bipolarizada; quero dizer, houve um certo acirramento, penso que muito simplista, de tipo: *teoria dos conteúdos (ou: pedagogia histórico-crítica) VERSUS educação popular (pesquisa participante)*. A primeira seria interna à escola, seria no campo da educação formal. A segunda seria no campo da educação informal, externa à escola. Vejam, meus caros Professores, estou me referindo a uma certa controvérsia que explorou MAIS a CONTRAPOSIÇÃO e explorou MENOS A BUSCA DE POSSÍVEIS COMPLEMENTARIDADES mesmo quando controvertentes. Para que?. Para que, com a tensão da diversidade se possa construir conhecimento científico em educação. Num próximo Encontro como este, proponho que seja este "mote" o nosso ponto de partida...

Numa reflexão deste tipo, penso que encontramos **complementaridades práticas possíveis**. E, sem a pretensão de querer fechar o diálogo, pergunto: como é que, pouco a pouco, iremos propondo "arremates"?. Lembro-me que vários (as) educadores (as) me disseram que "*Paulo Freire e Dermeval Saviani foram (são) reflexões filosófico-pedagógicas abrangentes*". Com isso, se disse, também, que a reflexão de vocês não "desce" a regras práticas, não se converte em passos metodológicos de aplicação imediata. É próprio de uma reflexão abrangente não terminar com indicações práticas de tipo: - *o que fazer... como fazer... em que momento fazer isso ou aquilo* dentro da sala de aula.

Lhes confesso, Mestres, uma curiosa indagação que me acompanha... faz tempão. É curiosidade neste terreno de uma reflexão tornar-se *passos metodológicos*. Há educadores deste século que foram (são) educadores com "E" maiúsculo. Cito alguns... pra encaminhar minha curiosidade: Makarenko, Suchodolski, Freinet... Me chama atenção o seguinte: foram (são) Educadores que a escolaridade comum não incorporou, no cotidiano. Será porque refletiram educação desde o enfoque da cultura e teorizaram inseparavelmente *desenvolvimento e cognição*, tal como o mundo do trabalho requer?. Por outro lado, me chama a atenção o sucesso de certas elaborações que, quanto mais oferecem regrinhas práticas e quanto mais se apresentam como aplicação metodológica... mais inserção alcançam na escolaridade.

(DS) - Penso, Adriano, que neste diálogo nós sublinhamos a importância da elaboração e da reflexão frente aos desafios da realidade... Eu mesmo sublinhei a importância de um trabalho-parceria com uma Associação Sindical de Docentes, trabalhando a formação científico-político-pedagógica... É um trabalho de não apenas oferecer regras ou aplicações metodológicas apostiladas.

(AN) - Creio que nosso (a) leitor (a), principalmente o (a) professor (a), já nos entendeu. **Ler sobre Educação, atualizar-se em sua atividade educativa é retomar-se como potencial profissional e como capacidade de mudança. Através de aprofundamento em torno das contradições percebidas.** Sem que, através disso, o (a) professor (a) se sinta superado, ou ultrapassado. Sempre que menciono *reflexão permanente*

através de aprofundamento científico me vem imediatamente à lembrança O CLUBE DA RÚCULA; são parceiros, outros cientistas, de formação originária nas ciências "não humanas"... os Profs.. Arguello, Sebastiani, Ubiratan, Adão. Trabalham em Ciências Exatas, Ciências Biológicas. Aliás, me parece cada dia mais ultrapassada a noção de "ciências exatas"...: nada é tão Humano quanto o rigoroso ato de pesquisa de um etnomatemático, ou um etnobiólogo. Com esta Humanidade iremos prosseguir esta reflexão que, **nunca é demais repetir**, não finaliza aqui.

(DS) - E porque não tem fim mesmo, quero referir-me a uma questão que você mencionava antes. Aquela questão que realça o valor da relação pessoal e direta entre educador/educando. A relação pessoal não se esgota, nunca, em metodologias ou teorias ou concepções ideológicas. Nesta época da automatização, nesta época do ensino à distância (por TV ou rádio), esta questão reaparece. Penso que isto nos leva a refletir sobre o papel dos meios. Me recordo certas situações, envolvendo meu pai. Ele era alfabetizado com esforço próprio, nunca frequentou escola. Tinha como referência seu pai (meu avô) que se expressava em português e, simultaneamente, se valia do italiano. Foi assim que ele auto-alfabetizou-se. Quando surgiu a TV educativa, me lembro dele, um dia, defronte uma aula pela TV. Assistindo, ele observava, atento, o decorrer da lição. E arrematava: *isso num é aprender. Sem professor ninguém aprende*. E, vejam vocês, ele nunca havia tido um professor, nunca frequentou escola regular... Os meios, enfim, não substituem o papel e a responsabilidade da interação educador/educando.

Construímos este diálogo-reflexão:
Pesq. dr. Adriano S. Nogueira, pós-doutorando, Fac. Educação-UNICAMP
Prof. dr. Dermeval Saviani, Livre Docente, Fac. Educação-UNICAMP
e PAULO FREIRE

APP-SINDICATO CUT • CNTE
Em defesa da escola pública

Diretoria Estadual:

Presidente: Romeu Gomes de Miranda
Secretário Geral: Sérgio Ubiratã de Freitas
Secretário de Finanças: Natália dos Santos Silva
Secr. de Adm. e Patrimônio: José Ueldes Camilo
Secretário de Organização: Miguel Angel A Baez
Secretária de Municipais: Elza Aparecida Huren
Secretária de Aposentados: Disma Irene Carazzai
Secretário Educacional: Pedro Elói Rech
Secretária de Form. Sindical: Maria Helena Guarezi
Secretário de Imprensa: José Rodrigues Lemos
Secretário dos Sindicalizados: Florivaldo Raimundo de Souza
Secretário de Política Sindical: Luiz Carlos Paixão da Rocha
Secretária de Políticas Sociais: Elvira Isabel Jaroskevicz

Caderno Pedagógico

Publicação Comemorativa aos 50 anos da APP-Sindicato - Outubro de 1997

R. Vol. da Pátria, 475, 14º andar, Curitiba, PR, CEP 80020-926

Fone (041) 322-9822 / Fax (041) 222-5261

Elaboração: Secretaria Educacional - APP-Sindicato

Colaboraram na edição deste caderno:

Márcia Valéria Schneider Dias, Ana Inês Souza - Digitação

Isolde Benilde Andreatta - Revisão e Sistematização dos Textos

Eduardo Alvarenga - Capa e Editoração

Produção Gráfica: Secretaria de Imprensa e Divulgação - APP-Sindicato

Impressão: Gráfica e Editora Popular

R. Othoniel Taborda Reinhardt, 233 - Fone (041) 347-6575

NÚCLEOS DA APP-SINDICATO

Núcleo Sindical de APUCARANA

Pres.: Porcino Pereira
Rua Oswaldo Cruz, 510, s. 801, 8º and, CEP 86.800-720
Fone/Fax: (043)422-6214

Núcleo Sindical de ARAPONGAS

Presidente: Gilberto Mille
Rua Beija Flor, 511, sala 401, 4º andar, CEP 86.701-200
Fone/Fax: (043)252-2374

Núcleo Sindical de ASSIS CHATEAUBRIAND

Presidente: Rita Corsini Alves de Souza
Av. Tupãssi, 1135, salas 06 e 07, CEP 85.935-000
Fone/Fax: (044)528-5144

Núcleo Sindical de CAMBARÁ

Presidente: Ana Aparecida S. R. Ferreira
Rua Rui Barbosa, 1125, CEP 86.390-000
Fone/Fax: (043)732-3093

Núcleo Sindical de CAMPO MOURÃO

Presidente: Amuri Jersi Ceolim
Av. Manoel Mendes de Camargo, 1560, CEP 87.303-120
Fone/Fax: (044) 823-1115

Núcleo Sindical de CASCAVEL

Presidente: Paulino Pereira da Luz
Rua Francisco Bartinik, 2017, CEP 85.817-220
Fone: (045) 226-2344, Fax: (045)226-1102

Núcleo Sindical de CIANORTE

Presidente: Edna Silvana G. Fernandes
Rua XV de Novembro, 504, sala 05, CEP 87.200-000
Fone/Fax: (044)722-3471

Núcleo Sindical de CORNÉLIO PROCÓPIO

Presidente: Ivone Luíza dos Santos Catussi
Av. Minas Gerais, 176, Shopping Morada do Sol, CEP
86.300-000
Fone/Fax: (043)524-2240

Núcleo Sindical de CURITIBA

Presidente: Orlando Bogo
Praça Osório, 77, 5º and, CEP 80.020-010
Fone: (041)224-2772, Fax: (041)225-3404

Núcleo Sindical de FOZ DO IGUAÇU

Presidente: Ivanir Glória de Campos
Ir. Cristiano Weirich, 91, s. 213, 2º and, CEP 85.851-140
Fone/Fax: (045)574-1893

Núcleo Sindical de FRANCISCO BELTRÃO

Presidente: Claudete Inês Fraporti
Rua Mato Grosso, 1890, Vila Nova, CEP 85.605-280
Fone/Fax: (046)523-4132

Núcleo Sindical de GUARAPUAVA

Presidente: Rose Mari Gomes
Rua Tiradentes, 1046, Cx. Postal 243, CEP 85.010-310
Fone/Fax: (042)723-3483

Núcleo Sindical de IVAIPORÃ

Presidente: Eliaquim Sérgio C. da Conceição
Av. Castelo Branco, 1054, Centro, CEP 86.870-000
Fone/Fax: (043)472-1814

Núcleo Sindical de JACAREZINHO

Presidente: Orestes de Oliveira
Rua Paraná, 182, CEP 86.400-000
Fone/Fax: (043)722-1322

Núcleo Sindical de LONDRINA

Presidente: Aristides Schiochet
Av. Juscelino Kubitschek, 1834, CEP 86.020-000
Fone: (043) 323-2662, Fax: (043) 324-7694

Núcleo Sindical de MANDAGUARI

Presidente: Edilson Aparecido de Paula
Rua Manoel Antunes Pereira, 375, Cx. Postal 323, CEP
86.975-000
Fone/Fax: (044)233-2050

Núcleo Sindical de MARINGÁ

Presidente: João da Silva Alves
Rua Joubert de Carvalho, 623, s. 601, CEP 87.013-200
Fone: (044) 226-4244, Fax: (044) 226-5825

Núcleo Sindical de PALMAS

Presidente: Anasthasya Mikylita
Rua Ver. Amazonas Fonseca, 1101, CEP 85.555-000
Fone: (046)262-3374, Fax (046)263-1166 (Faculdade)

Núcleo Sindical de PARANAGUÁ

Presidente: Hélio Augusto dos Santos
R. João Estevan, 22, Bairro Caju, CEP 83.203-000
Fone/Fax: (041)423-1663

Núcleo Sindical de PARANAÍ

Presidente: Celso José dos Santos
Rua Antônio Felipe, 861, Centro, CEP 87.702-020
Fone/Fax: (044)423-1265 Fax (044)423-1298

Núcleo Sindical de PATO BRANCO

Presidente: Antonio Carlos de Souza
Rua Silvio Vidal, 720, CEP 85.505-010
Fone/Fax: (046)224-3798

Núcleo Sindical de PONTA GROSSA

Presidente: Ana Maria Branco de Holleben
Rua XV de Novembro, 301, s. 31, 3º and, CEP 84.010-020
Fone/Fax: (042)224-2012

Núcleo Sindical de UMUARAMA

Presidente: Marcos Antônio Mackert dos Santos
Rua Dr. Rui Ferraz de Carvalho, 4212, CEP 87.501-250
Fone/Fax: (044) 622-1475

Núcleo Sindical de UNIÃO DA VITÓRIA

Presidente: Salete Tonon
Av. Manoel Ribas, 134, s. 37, 3º and., CEP 84.600-000
Fone/Fax: (042)522-5433